



REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA FALA DE TRÊS DOCENTES: SER PROFESSORA MULHER E SER PROFESSOR HOMEM

LUSA, Diana¹
FERREIRA, Márcia Ondina Vieira²

1. Bolsista CAPES – Faculdade de Educação – Universidade Federal de Pelotas - dianalusars@yahoo.com.br
2. Orientadora - Faculdade de Educação – Universidade Federal de Pelotas - marciaof@ufpel.tche.br

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa que busca compreender as representações de gênero entre docentes de séries iniciais e educação infantil; duas professoras e um professor são os/as sujeitos deste estudo. Foram realizadas entrevistas com este/estas docentes, e observações em sala de aula. Nas entrevistas o/as docentes tiveram oportunidade de falar de suas experiências como professores, dos comportamentos, desempenhos e preferências de brincadeiras de meninos e meninas com as/os quais trabalham, do significado de ser professor/homem e professora/mulher, das diferenças e/ou semelhanças entre meninos e meninas, das possíveis lideranças infantis em suas salas de aula.

Neste trabalho uma questão das entrevistas em especial será privilegiada: “o que significa ser professora/mulher para você?” (pergunta dirigida às professoras) e “o que significa ser professor/homem para você?” (pergunta dirigida ao professor).

DISCUSSÃO

É fato que a maior parte do professorado é mulher, e, em se tratando de séries iniciais, poderíamos dizer que quase a totalidade do corpo docente é composta por mulheres. Michael Apple (1988) diz que o trabalho remunerado feminino é constituído em torno de dois tipos de divisão: primeiro, está relacionado a uma divisão vertical do trabalho, em que as mulheres se constituem em um grupo que está em desvantagem em relação aos homens, no que diz respeito às condições de trabalho. Uma segunda divisão seria a divisão horizontal, que significa que as mulheres se concentram em determinados tipos de trabalho, com isso são maioria em trabalhos de escritório e docência, por exemplo.

Apple também menciona a dinâmica de classe; o trabalho feminino, segundo o autor, é mais propenso à proletarização. “O trabalho da mulher é considerado de alguma forma inferior ou de menos *status* pelo simples fato de ser uma mulher quem o faz” (APPLE, 1988, p. 16). “[...] o suposto “jeito para cuidar” feminino, as qualidades empáticas, “naturais” das mulheres e seus salários relativamente baixos tornavam-na ideais para ensinar em tais escolas” (APPLE, 1988, p. 19). Em contraponto, também é preciso considerar que o aumento do número de mulheres

no magistério não aconteceu sem resistências; os críticos se preocupavam com os “efeitos negativos” das professoras sobre os/as alunos/as.

No cenário do Brasil começaram a ser criadas, no final do século XIX, as Escolas Normais, no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Com isso, segundo Jane de Almeida, ganharam força os movimentos que lutavam pela educação das mulheres. Segundo a autora, o acesso à escolarização via Escola Normal, atendeu mais às necessidades sociais, estendendo a escolarização para uma parcela maior da população e atendeu também às necessidades das jovens de poucos recursos do que os apelos de mulheres de classes privilegiadas. As Escolas Normais eram uma “saída” para as jovens sem dote, para que estas não se tornassem um peso para a sociedade, pela dificuldade que possivelmente teriam de se casar.

Ser professora representava um prolongamento do lar e, ao mesmo tempo, uma forma digna de sobreviver. “[...] instruir e educar as crianças, sob o mascaramento da missão e da vocação inerentes às mulheres, significava uma maneira aceitável de sobreviver, na qual a conotação negativa com o trabalho remunerado esvaia-se perante a nobreza do magistério” (ALMEIDA, 1996, p. 74). No início do século XX, as matrículas de mulheres nas Escolas Normais brasileiras já eram superiores as dos homens.

Para pensar a feminização, Guacira Lopes Louro (1997, p. 95) propõe que se considere que depois da metade do século XIX um processo de urbanização estava em curso no Brasil e também começava a haver aqui a presença de imigrantes; novas expectativas de trabalho e de educação surgiam. Assim, o magistério se tornou “uma atividade *permitida* e, após muitas polêmicas, *indicada* para mulheres” (1997, p. 95). Já que o matrimônio e a maternidade eram entendidos como o “destino” das mulheres, qualquer trabalho fora do lar desviaria as mulheres desta função *natural*, a menos que favorecesse o desenvolvimento da mesma, de uma forma que as mulheres pudessem melhor se ajustar a ela.

Com a massiva entrada das mulheres no magistério, este também começou a se feminizar, “tomando emprestado” atributos tradicionalmente associados às mulheres, como amor, cuidado, sensibilidade, delicadeza, etc. As professoras passam a ser entendidas como “mães espirituais” e cada aluno a aluna passam a ser percebidos/as como seus/suas próprios/as filhos/as (LOURO, 1997, p. 97). “Assim, a formação da docência pode ser compreendida não apenas como crescimento numérico das mulheres empregadas como professoras, mas também como estabelecimento de características de gênero feminino para a ocupação [...]” (CARVALHO, 1999, p. 71).

Marília Pinto de Carvalho (2005, p. 95), nos lembra também que nossa cultura compreende a masculinidade e a feminilidade em termos bipolares; assim, o trato com as emoções seria considerado terreno feminino, o que permite apreender melhor as dimensões de *feminização* do ensino da escola primária. As emoções e o cuidado infantil são tidos como femininos e, feminino é entendido como sinônimo de mulheres.

Pensando neste contexto histórico e social de professoras, professores, mulheres e homens, apresentamos a fala de docentes no sentido de buscar compreender melhor a “profissão professor/a”. As professoras e o professor entrevistadas/o mostraram-se muito abertos à discussão de gênero, sendo que o professor sujeito desta pesquisa até já desenvolveu em sua escola, projetos que privilegiaram essa temática, no trabalho com alunos/as.

Neste ponto de ser “professor/homem”, Rafael¹, professor de uma quarta série, destacou a importância de que se trabalhe com a afetividade das crianças e a resistência que estas apresentam, ao menos inicialmente, com o professor/homem:

[...] no início é sempre meio complicado. Por um lado aparece o “professor”, que é completamente diferente do habitual [a professora]. Mas no começo é bem mais complicado, pela reação [das crianças]. Eu acho que no final eu até consigo trabalhar bem esta questão, sabe. Eu acho que é importante a gente trabalhar a questão da afetividade com as crianças, justamente no sentido de ter esse diálogo, essa abertura, que facilita todo o trabalho (Entrevista com professor Rafael).

O professor Rafael fala da dificuldade que têm os professores homens em se aproximar das crianças, em especial dos meninos, que apresentam mais resistência.

Angélica, professora de educação infantil, responde esta mesma questão (sobre o significado de ser “professora/mulher”) de uma outra perspectiva; para ela é errado que se compreenda a “profissão professor/a” como uma profissão de mulher. A professora afirma que os pais, que são homens também “educam” no sentido de cuidar – o que geralmente é atribuído à mulher –, e dá o exemplo de um colega seu, professor de educação infantil, muito competente e responsável no trato com as crianças. Também fala que, infelizmente, ocorre uma divisão do trabalho na escola; os homens assumem cargos mais administrativos, como diretores, e a mulher é sempre vista como “a professora”, principalmente nas primeiras séries e educação infantil.

Magda, professora de um primeiro ano do ensino fundamental, faz uma retrospectiva histórica de sua vida docente para responder à questão. Diz que, pelo fato de ser de uma cidade do interior, e pela mentalidade de seu pai na época, o que restava a ela era fazer magistério, caso contrário “estaria em maus lençóis”. Disse ainda que nesta cidade, as mulheres faziam magistério e os homens contabilidade. Era assim.

[...] eu acredito que ser professora mulher é muito mais confortável do que ser professor, né... professor homem. Porque sempre há uma visão de que o homem está no lugar errado... (Entrevista com professora Magda).

A professora justifica esse “conforto” de ser professora mulher através de sua experiência; diz que quando trabalhava com a pré-escola, aceitava estagiários homens, mas percebia que as mães ficavam “tensas”. Magda considera que os homens têm a mesma capacidade para trabalhar com as crianças, mas parece que não estão no “lugar certo” quando as mães começam a ficar tensas pela presença de estagiários homens junto às suas crianças pequenas.

CONCLUSÕES

Considerando que este trabalho ainda está em andamento, é possível perceber aspectos em comum na fala dos três docentes. Aspectos estes que também são percebidos quando olhamos para história da docência, para o como esta profissão se tornou uma ocupação “de mulheres” e “para mulheres”. Podemos pensar em adjetivos que nos vêm à mente quando pensamos em palavras como “masculino” e “feminino”; logo temos qualificações correspondentes e classificamos o que *pertence* a um universo e o que *pertence* a outro universo – colocando

¹ Nomes fictícios foram dados aos sujeitos da pesquisa.

masculino e feminino em pólos opostos. Assim como tendemos a classificar o “cuidado” como algo ligado ao universo feminino e sempre identificar “feminino” com “mulheres”. Representações tão ‘invisíveis’ e pouco refletidas, mas tão presentes em nossa vida, nos fazem ter a visão perfeita do/a professor/a primário/a identificando-a como “a professora mulher”.

O professor Rafael fala da necessidade de que se trabalhe com afetividade em sala de aula, para desmistificar que “ser afetivo” pertence ao mundo das mulheres. A professora Angélica mostra-se contrária ao fato de se considerar o magistério como profissão feminina. E a professora Magda fala do conforto de ser professora mulher, ainda que não concorde com isso. Falas atuais, mas que carregam uma significação de quem deve assumir o papel de “professora” de crianças. Assumir a necessidade de uma afetividade enquanto homem, não concordar com o lugar da mulher professora ou sentir um “conforto” em ser professora, mostra-nos que existe uma significação da “mulher/professora” e de quem deve trabalhar com crianças, que está presente nas três falas, ainda que de forma diferente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na escola: algumas reflexões sobre o magistério feminino. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 96, fev, 1996, p. 71-78.

APPLE, Michel. Ensino e trabalho feminino: uma análise comparativa da história e ideologia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 64, fev. 1988, p. 14-23.

CARVALHO, Marília Pinto de. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã, 1999.

_____. Gênero e análise sociológica no trabalho docente: um palco de imagens. In: PEIXOTO, A. M. C. e PASSOS, M. (orgs.). **A escola e seus atores: educação e profissão docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 89-113.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.